

Dinamarca rejeita perder controle da Groenlândia para Donald Trump

Primeira-ministra afirmou que seguirá negociando a segurança da ilha com os EUA

Por Igor Gielow (Folhapress)

A primeira-ministra da Dinamarca, Mette Frederiksen, disse na quinta (22) que vai negociar a questão da segurança da Groenlândia com os Estados Unidos e a Otan, mas rejeitou qualquer perda de soberania do território autônomo do país nórdico para Donald Trump. Na véspera, o presidente havia reiterado que não abria mão do controle sobre a ilha, mas rejeitou o uso da força e, depois de uma conversa com o chefe da aliança militar ocidental, suspendeu as tarifas que havia aplicado a Copenhague e sete aliados europeus que haviam enviado uma pequena força militar à Groenlândia em apoio aos dinamarqueses. Tudo isso no Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça.

“O Reino da Dinamarca deseja continuar engajado em um diálogo construtivo sobre como podemos aumentar a segurança no Ártico, incluindo o Domo Dourado dos EUA, desde que isso seja feito com respeito à nossa integridade territorial”, disse Frederiksen.

Ela se referia ao escudo antimísseis planejado por Trump. Hoje, uma das principais bases americanas de rastreamento de ataques nucleares vindos da Rússia e da China fica em Pituffik, na Groenlândia, ilha estratégica por sua posição no Ártico e rica em recursos minerais.

Também em Davos, o secretá-



Mette Frederiksen não vai vender ou abrir mão da Groenlândia para agradar os Estados Unidos

rio-geral da Otan, o holandês Mark Rutte, buscou tirar o bode do controle territorial da ilha da sala. Ele disse que isso não foi discutido na véspera com Trump e que a negociação será entre EUA, Dinamarca e a aliança.

Segundo ele, como aumentar a presença militar na ilha será uma decisão de comandantes do clube de 32 nações, 30 delas europeias incluindo os dinamarqueses. “Não tenho dúvida que podemos fazer isso rapidamente. Certamente eu tenho esperança disso para 2026”, afirmou, ressaltando que a preocupação é defender o Ártico da Rússia e da China.

O tom dos europeus é cautelosamente otimista, dada a incisividade de Trump em seu discurso, apesar do recuo de última hora, uma característica de seu estilo negociador de fazer demandas impossíveis para obter vantagens.

A mais imediata foi, ao suspender as tarifas de importação de 10%, evitar uma retaliação comercial da União Europeia que seria discutida nesta quinta.

Resta aqui saber se é disso que se tratou a sua incendiária campanha, que colocou a Europa contra a parede e levantou dúvidas acerca da integridade da aliança fundada pelos EUA para conter Moscou em 1949.

A iniciativa, na esteira da bem-sucedida operação militar para capturar Nicolás Maduro em Caracas no começo do mês, também serviu para escamotear a escalada de forças no Oriente Médio, que sugerem uma ação futura contra o Irã ou mais pressão sobre a teocracia acossada por protestos.

Seja como for, os europeus mantiveram um otimismo cauteloso. “Apesar de toda a frustração e raiva dos meses recentes, não sejamos muito rápidos em descartar a parceria transatlântica”, afirmou o premiê alemão, Friedrich Merz, em sua fala no fórum nesta quinta.

O foco na questão da segurança

já havia sido adotado por Trump em seu discurso. Ele rejeitou interesse nos recursos da ilha, que incluem 66% das reservas de terras raras específicas para a indústria de defesa e alta tecnologia do planeta fora da rival China.

Rutte disse o mesmo nesta quinta, afirmando que o tema não foi debatido no encontro da véspera. Ele reiterou a importância de não perder de vista a questão da Guerra da Ucrânia, o maior conflito em solo europeu desde 1945.

“Segurança no Ártico é uma questão de toda a Otan”, afirmou Frederiksen, que vinha tentando mostrar com os parceiros que seria possível elevar a presença militar na Groenlândia com um exercício montado às pressas.

Os EUA já têm instrumentos para fazer isso, se quiserem.

Uma hipótese para satisfazer Trump seria a abertura de mais bases americanas, talvez com apoio de parceiros da Otan. Outra, levantada por negociadores americanos que conversaram na quinta com o New York Times, seria adotar o modelo de Chipre para esses locais.

Na ilha mediterrânea, os britânicos têm bases que são consideradas seus territórios, de forma análoga a embaixadas. Mas isso vai contra ao que Frederiksen disse nesta quinta-feira (22) defender, o que sugere que ainda haverá muita negociação pela frente.

Trump lança oficialmente o seu “Conselho da Paz”

Divulgação



Símbolo oficial traz os Estados Unidos no centro do mundo

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assinou na quinta (22) a criação do chamado Conselho da Paz, órgão que o governo americano espera utilizar para suplantar as Nações Unidas - embora o americano negue essa intenção. Inicialmente pensado como instrumento para governar a Faixa de Gaza como parte do cessar-fogo na região, o conselho tem ganhado contornos mais amplos, movimento recebido com preocupação por países como França, Canadá, Reino Unido e Brasil.

“Este conselho tem a chance de ser um dos conselhos mais importantes já criado. É minha grande honra de servir como presidente, fiquei muito honrado quando me pediram isso”, disse Trump, embora seu governo tenha sido o idealizador e fundador do grupo.

A cerimônia de assinatura ocorreu às margens do Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça - evento já ofuscado pela investida tarifária e diplomática de Trump, ora suspensa, de anexar a Groenlândia.

dia. O anúncio teve a presença de líderes que já aceitaram participar do conselho, como o argentino Javier Milei, o indonésio Prabowo Subianto e o húngaro Viktor Orbán.

Durante sua fala, Trump criticou a ONU, e afirmou que a iniciativa sobre Gaza pode ser “algo único para o mundo”, indicando sua pretensão de que o grupo criado não vai se limitar a discutir o território palestino.

“Eu sempre disse que as Nações

Unidas têm um potencial tremendo, mas não usou ele. Tem muita gente boa na ONU, mas até agora não... nas oito guerras que terminei nunca falei com a ONU sobre nenhuma delas. E você pensaria que eles poderiam fazer isso, mas eles não poderiam. Eles tentaram, talvez, em algumas delas, mas não tentaram o bastante”, disse ele.

“Eu acho que a combinação do Conselho da Paz, com o tipo de gente que temos aqui, junto com as

Nações Unidas, pode ser algo muito único para o mundo. Isso é para o mundo, não é para os EUA”, afirmou o presidente americano.

Em dado momento de seu discurso, Trump olhou para os líderes sentados em cadeiras no palco do evento e disse: “É, todos são meus amigos. Alguns... deixe-me ver, alguns que gosto, alguns que não gosto. Não, na verdade, desse grupo eu gosto de cada um deles, dá para acreditar? Às vezes tem dois ou três que não suporto, mas gosto de cada um deles.”

O grupo nasce com a participação também de países como Israel, Arábia Saudita, Egito, Marrocos, Turquia e Vietnã, mas não está claro quais desses serão membros permanentes, uma vez que Trump pretende cobrar US\$ 1 bilhão de quem desejar o assento.

A estrutura da organização também continua pouco clara. O conselho - cujo logo mostra o planeta Terra com os EUA no centro - será presidido por Trump, que terá, com o chefe do grupo, preponderância

sobre praticamente todas as decisões: da renovação de mandato dos membros e convocação de reuniões à definição do comitê executivo que deve gerir a reconstrução do território palestino. Além disso, Trump terá o voto de desempate em questões sem consenso.

Países europeus ainda analisam o convite. Alguns deles, como França, Reino Unido e Noruega já recusaram fazer parte do órgão em meio à tensão gerada pelas investidas de Trump sobre a Groenlândia, um território da Dinamarca.

Trump disse pretender trabalhar com a ONU e “reconstruir lindamente” Gaza, mas declarações anteriores indicam outro objetivo. “Acho que vai ser incrível, esperava que a ONU pudesse fazer mais, esperava não precisar deste conselho, mas as Nações Unidas... em nenhuma das guerras que encerrei, as Nações Unidas me ajudaram”, disse Trump na terça (20).

Por Victor Lacombe
e Guilherme Botacini
(Folhapress)